

A ITINERÂNCIA COMO EXERCÍCIO DO PODER: A ATUAÇÃO DE DIEGO GELMÍREZ (1101-1140) FRENTE À REBELIÃO COMPOSTELANA DE 1116-1117

Jordano Viçose¹

Resumo: Durante os aproximadamente quarenta anos em que esteve à frente da Igreja de Santiago de Compostela, Diego Gelmírez (1101-1140) enfrentou dois momentos, especialmente, turbulentos os quais puseram em risco o seu poder senhorial-episcopal. Neste artigo, discutiremos o primeiro deles: a rebelião compostelana ocorrida entre os anos 1116 e 1117, trata-se de uma sublevação dos cidadãos de Santiago contra o seu senhor e bispo. A figura do prelado, instituída na Alta Idade Média, enquanto supervisor da ortodoxia deve ser somada a de protetor das circunscrições das quais era responsável. Para Gelmírez era fundamental a itinerância. Deslocava-se para exercer a justiça, legislar e, sobretudo, proteger por meio das armas os seus territórios. A alcunha que recebeu - *El báculo y ballesta* - revela a dupla face que compunha o exercício do seu poder: defensor da fé e do senhorio.

Palavras-chave: Itinerância; Diego Gelmírez; Rebelião em Compostela.

Abstract: During the almost forty years when Diego Gelmírez (1101-1140) was at the helm of the Saint James de Compostela Catholic Church, he faced two particularly riotous moments that hazarded his seigniorial-episcopal power. In this article, we will discuss the rebellion of Compostela (1116-1117), in which happened the rising of the St. James citizens against their master and bishop. The figure of the bishop as a supervisor of the orthodoxy must be summed up to the protector of the circumscription under his responsibility. Gelmírez considered itinerancy fundamental. He moved from place to place to practice justice, to legislate, and mainly to protect his dominion by the use of weapons. The epithet he received - *El báculo y ballesta* - reveals the two faces that compounded the exercise of his power: faith advocate and lordliness.

Keywords: Itinerancy; Diego Gelmírez; Rebellion in Compostela.

¹ Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Doutorando em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Este artigo faz parte da pesquisa de doutorado, em andamento, intitulada *Revoltas urbanas em Santiago de Compostela (séc. XII): aspirações à urbe realenga*, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: jordanovicose@gmail.com

Introdução

O monarca leonês Afonso VI (1065-1109) é lembrado, na história da Reconquista,² pelo êxito no cerco posto a cidade de Toledo, antiga capital visigótica, culminando com a sua conquista no ano de 1085. Não obstante, a sequência foi menos prodigiosa, somaram-se repetidas derrotas para os almorávidas comandados por Lúçufe Ibn-Taxufín (1061-1106) e pelo seu sucessor Ali ibne Lúçufe (1106-1143). A perda de importantes territórios resultou letal para economia do reino, pois o regime de *párias* era, na segunda metade do século XI, a principal fonte de riqueza da coroa castelhana-leonesa. Suntuosas quantidades de ouro, oriundas das *Taifas*, alimentavam as finanças da monarquia garantindo sua estabilidade política e econômica.

Durante as duas últimas décadas do governo de Afonso VI, o erário real sofreu duros reveses com a ausência do recolhimento tributário das *párias*. Afonso não pode poupar fundos na defesa dos seus territórios e até o final de sua vida foi impelido a lutar, sem êxito, contra o vitorioso exército almorávida. Consequência direta da ação militar do monarca foi o déficit orçamentário herdado por sua filha e sucessora. A rainha Urraca (1109-1126) teve de assumir um reino com poucos recursos. Sua dificuldade em governar e suas ações, vistas pelos prelados hispânicos como de ingerência nas riquezas eclesiásticas, devem ser entendidas, principalmente, sob o prisma da carência de pecúlio.

Urraca não teve alternativa, comum a outros monarcas dela contemporâneos, senão pressionar as igrejas do seu reino. Senhora de extensas propriedades fundiárias e detentora do direito feudal em diversos tipos de benefícios, as igrejas eram preciosas fontes emergenciais de fundos à coroa, sobretudo em tempos de guerra. A igreja de Santiago,³ especificamente, possuía um fator a mais que despertava o interesse monárquico: as peregrinações. Elas mobilizavam grandes massas humanas e movimentavam largas quantidades de dinheiro. A cidade do apóstolo Tiago, devido ao fluxo intenso de peregrinos, transformou-se em um dos principais espaços urbanos da Cristandade.⁴ O vivaz e pujante comércio compostelano era destino certo na venda de produtos, como advertiu o próprio rei Afonso VII (1126-1157), quando quis

² Processo iniciado no século XI que tinha como meta a recuperação, pelos cristãos, dos territórios ibéricos perdidos para o Islão. Para uma compreensão mais abrangente sobre a formação da concepção de cruzada, veja: FLORI, Jean. *La guerra santa: la formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*. Madrid: Trotta, 2003. Já para uma análise do caso ibérico indicamos: VALDEÓN BARUQUE, Julio. *La Reconquista el concepto de España: unidad diversidad*. Madrid: Espasa-Calpe, 2006; e GARCIA FITZ, Francisco. *La Reconquista: un estado de la cuestión*. *Clio & Crimen*, n. 6, p. 142-215, 2009.

³ Optamos por manter a grafia *Santiago*, como no castelhano.

⁴ Sobre o desenvolvimento de núcleos urbanos nos territórios ibéricos cortados pelo Caminho de Santiago, ver: RUIZ GÓMEZ, Francisco. *El camino de Santiago: circulación de hombres, mercancías e ideas*. *IV Semana de Estudios Medievales de Nájera*, 1994, p. 167-188.

negociar um valioso cálice de ouro.⁵

A burguesia⁶ de Compostela foi um elemento extremamente, ativo, enérgico e hábil no plano político durante o reinado de Urraca. As ações dos cidadãos capitaneadas, por uma parte da aristocracia latifundiária galega, resultaram em dramáticos e turbulentos acontecimentos, não só ao poder *senhorial-episcopal*⁷ de Diego Gelmírez, mas também ao poder real, entre a sombria primavera de 1116 e o melindroso verão de 1117. Antes de nos centramos propriamente na rebelião cidadina, direcionemos nosso olhar ao chefe do senhorio e para sua mobilidade.

A conjuntura política do reino castelhano-leonês nos primeiros tempos de Diego Gelmírez

As viagens no mundo medieval eram recorrentes e constantes. Do ponto de vista estritamente político, a cultura do face a face exigia deslocamentos para o estabelecimento de contatos, pactos e outorgas. O poder era construído e sustentado por meio das redes de apoio tecidas em diferentes pontos da sociedade. O ir e vir movia não só pessoas, mas interesses de todos os tipos, desde conluios e maldizeres à deliberações, concessões e autorizações. A itinerância era fator preponderante na Idade Média e o primeiro arcebispo de Santiago de Compostela, Diego Gelmírez (1101-1140), estava ciente disso.

A primeira viagem de dom Diego que temos notícia, por meio da *Historia Compostelana* (1994, p. 85),⁸ foi à Roma para orar. Para além das elaborações panegíricas feitas pelos autores da *HC*, temos que notar o momento peculiar no qual Gelmírez parte para fazer suas orações na cidade apostólica. A cadeira episcopal de Santiago já estava há cerca de quatro anos vacante e o papa Pascoal II (1099-1118) estava disposto a reverter tal situação, como revela a missiva, por ele enviada, ao rei Afonso VI. O atraso na eleição, narrado pela *HC* (1994, p. 85), enquanto Gelmírez estava ausente, corrobora as evidências de que a decisão, provavelmente, já havia sido tomada ou ao menos

⁵ Exemplo da prosperidade do comércio em Compostela foi o envio, por Afonso VII, de um cálice de ouro para ser vendido na cidade do apóstolo Tiago.

⁶ A palavra *burguês* deve ser compreendida no seu sentido original: o habitante do burgo.

⁷ O poder do bispo de Santiago não se reduzia a questões de ordem estritamente religiosa. O exercício da sua autoridade era uma simbiose de funções senhoriais e episcopais; além de chefe imediato da religião cristã, seu poder exercia-se sobre homens e terras confiados a ele por intermédio da sua condição de governante do senhorio de Santiago. Para um aprofundamento sobre o conceito de poder senhorial-episcopal, ver: ALVARO, Bruno Gonçalves. As veredas da negociação: uma análise comparativa das relações entre os senhorios episcopais de Santiago de Compostela e Sigüenza com a monarquia castelhana-leonesa na primeira metade do século XII / Bruno Gonçalves Alvaro. – 2013. (Tese de doutorado).

⁸ Doravante *HC*.

estava claro o apoio conferido pelo papa.

A indicação de Diego Gelmírez, pelo pontífice romano, ao posto de bispo de Santiago foi acompanhada de carta e da promoção do jovem prepósito compostelano a ordem do subdiaconato. No seu regresso a Compostela, Gelmírez foi eleito bispo “[...] pelos mais nobres de toda Galícia e com o consentimento do rei Afonso e do conde Raimundo [...]” (HC, 1994, p. 85), como exalta a HC.⁹ Apesar das contestações a sua eleição por uma parte do clero local terem sido minimizadas pela obra, cabe destacar a importância da viagem feita a Roma a qual contribuiu para a realização do objetivo: Gelmírez viaja como cônego administrador do senhorio compostelano e retorna como bispo de Santiago.¹⁰

A segunda e última viagem de Diego Gelmírez a Roma foi em 1104, três anos após a sua elevação às sagradas ordens. O contexto e as motivações que levaram ao deslocamento eram outros, a HC (1994, p. 100) revela que o bispo de Santiago desejava “[...] alguma dignidade [...]” eclesiástica à sua diocese. Apesar das dificuldades encontradas pelo prelado na cúria romana as quais se remontavam a períodos anteriores a sua consagração, Pascoal II, concedeu-lhe o signo de autoridade do *pallium*.¹¹² Mais uma vez, para Gelmírez foi importante a itinerância, logra senão o que desejava naquele momento, a dignidade metropolitana, ao menos um indicativo de que sua predisposição em honrar a igreja de Compostela com uma posição mais elevada na hierarquia eclesiástica seria atendida gradualmente.

O início favorável e promissor do governo de Diego Gelmírez foi interrompido pelos acontecimentos que marcaram a macroesfera política do *Regnum* castelhano-leonês. Afonso VI, estava com a saúde debilitada por conta do avançar da idade e a inesperada morte do seu genro Raimundo de Borgonha (casado com a princesa Urraca),¹³ em setembro de 1107, assim como do falecimento do seu único filho, Sancho Alfónsez (1093-1108), no ano seguinte, na batalha de Úcles, trouxeram o tema da sucessão, novamente, a ordem do dia. A instabilidade política gerada pela questão sucessória criou um contexto de muitos conflitos nos anos seguintes.

Os desejos conflitantes se acentuaram após a morte de Afonso VI, em 1109. O

9 [...] elegimos como obispo junto con los más nobles de toda a Galicia y con o consentimiento del rey Alfonso y el conde Raimundo [...] (HC, 1994, p. 85).

10 Diego Gelmírez gozava de confiança e apoio do rei Afonso VI. Desde a adolescência, ele frequentou a corte real e o estreitamento de laços foram confirmados pelas administrações do senhorio compostelano, em dois momentos de vacância da sede, realizadas por Gelmírez.

110 papa Pascual II acusou um bispo de Santiago (não há a identificação) anterior a Diego Gelmírez de ter tratado de forma arrogante um cardeal romano (não há a identificação) enquanto esse visitava a Galícia.

12 O *pallium* é um signo de autoridade que se outorga aos prelados que estão à frente de províncias eclesiásticas integradas por várias dioceses. Ele é materializado em uma estola de lã branca com seis cruzes negras de seda.

13 Raimundo de Borgonha casou-se com a filha do monarca Afonso VI, a princesa Urraca, provavelmente, no ano de 1090.

casamento da herdeira do reino de Castela e Leão, Urraca, com Afonso, o batalhador, rei de Aragão e Pamplona ainda naquele ano fez com que se formassem dois grupos opositores. O primeiro deles apoiava o matrimônio contraído pela rainha, portanto favorável aos seus direitos enquanto governante dos territórios castelhano-leoneses. Já o segundo grupo defendia a invalidade do enlace matrimonial, assim como os direitos sucessórios do jovem Afonso Raimúndez (filho de Urraca com o conde Raimundo de Borgonha). A Galícia foi um dos principais palcos dessa luta.

Não deve soar estranho o desenrolar do conflito no noroeste ibérico. A tutoria de Afonso Raimúndez ficou a cargo de Diego Gelmírez e do conde de Traba, dom Pedro Froilaz (1075-1128): Galícia tornou-se o reduto pró-Afonso Raimúndez. A formação de duas coalizões em território galego, uma defensora dos direitos sucessórios da rainha (chamada *irmandade*) e outra que advogava a favor do seu filho como legítimo monarca (facção comandada pelo conde de Traba), tinha como pano de fundo as vantagens oriundas do desfecho favorável a um ou outro grupo. Os fundamentos que embasaram o início do litígio são fornecidos pela *HC*, apesar de, provavelmente, tratar-se de uma elaboração feita *a posteriori*.¹⁴ Segundo a crônica, o concílio celebrado na cidade de Leão, em 1107, deliberou, dentre outros assuntos, que se Urraca contraísse novo matrimônio, a Galícia seria herdada pelo seu filho, Afonso Raimúndez.

92

Apesar do apoio inicial à rainha, Diego Gelmírez alterou seu posicionamento em relação ao matrimônio de Urraca e Afonso, o Batalhador. A missiva de Pascoal II, endereçada ao bispo, deixou clara sua reprovação considerando incestuosa tal união (*incesta coniugii copula*). O parecer do papa fez com que Gelmírez tivesse de reorganizar os meios e os intermediários necessários para alcançar seus objetivos de engrandecimento da sua sé. Estamos diante da lógica medieval na qual as relações pessoais são conduzidas pela necessidade política do momento (ALVARO, 2013, p. 125). Gelmírez era hábil e sua mobilidade entre diferentes grupos, por vezes antagônicos, fazia-se mais uma vez necessária.

As justificativas papais para a dissolução do casamento foram construídas a partir da consanguinidade existente entre os noivos; ao que parece, Urraca e Afonso de Aragão, compartilhavam de um bisavô: Sancho, o maior de Navarra (1004-1035). Entretanto, nessa reorganização do jogo político de Gelmírez junto ao conde de Traba, não foge a vista, por um lado, o interesse deles de governarem (com certo grau de independência à recém-entronizada rainha) o território galego por meio da prerrogativa de tutores do menino Afonso, e por outro, ao prelado não interessava, de forma alguma, deixar de compactuar com as decisões papais, afinal o bispo de Roma

¹⁴ Independente dessa possibilidade de elaboração posterior, os argumentos foram trazidos a tona para movimentar as ações bélicas entre os grupos opositores.

era elemento imprescindível na concretização das suas ambições à frente da igreja de Santiago.

Os conluíus, desentendimentos, aprisionamentos e juramentos de amizade entre a rainha e o bispo de Santiago, permitem-nos entrever as relações, em grande medida, tensas dos anos vindouros. Apesar disso, Diego Gelmírez agia com extrema diligência para salvaguardar o seu poder senhorial-episcopal; à frente do seu exército, empunhando a espada, ele atendia ao chamado real na luta contra o rei aragonês.¹⁵ A derrota sofrida em Viadangos, no ano de 1111, pelos galegos, foi revidada. O exército galego, junto às demais tropas reais, mostrou-se forte diante dos aragoneses no sítio posto à Astorga, em 1112, alcançando a vitória. A *ballesta*¹⁶ do prelado compostelano defendia não só a manutenção do senhorio de Santiago e os direitos sucessórios de Afonso Raimúndez, como também a soberania de Castela e Leão.¹⁷

Com tal afirmativa, não queremos corroborar com a visão pró-gelmiriana da *HC*, a qual supervaloriza as ações do primeiro arcebispo de Santiago, colocando-o, como elemento indispensável e definidor na vitória diante das tropas aragonesas. A crônica constrói um Diego Gelmírez com contornos messiânicos: seja como promotor da paz, nos momentos que a buscam, seja como salvação para a vitória na guerra, quando a desejam. Os escritores narram um Gelmírez impoluto e garantidor da lisura, intermediário que concilia os pólos antagônicos restabelecendo a ordem e a estabilidade do reino.¹⁸ Nosso interesse, todavia, é o de destacar sua posição múltipla e adaptável, sua capacidade de se adequar as imposições do momento e de conseguir se reequilibrar em situações desfavoráveis. Ele conseguiu, mesmo nas situações de extrema dificuldade, fortalecer-se e se lançar na busca do engrandecimento da sua sé e do seu senhorio.

Viadangos e Astorga não foram às primeiras experiências militares de Diego Gelmírez nem tampouco foram às últimas. Gelmírez já havia experimentado o manejo das armas quando ainda era supervisor das propriedades do senhorio de Santiago.¹⁹ Ao lado do conde Raimundo lutou em 1094-5, contra os mouros em Coimbra e Lisboa e, tão logo, percebeu que a itinerância era fator crucial para o seu triunfo: junto à

15 O casamento de Urraca de Castela e Leão e Alfonso, o batalhador não se mostrou durável, pois, além da proibição canônica, as intenções aragonesas colocavam em cheque a soberania da rainha.

16 Na *Historia Compostelana* a expressão *Bispo de Santiago, báculo e balestra* é usada por Giraldo. Trata-se de um ditado popular para se referir ao poder espiritual e temporal, respectivamente, exercido pelo bispo da cidade de Compostela. A balestra, por excelência, representava o poder bélico e senhorial de Diego Gelmírez.

17 Gelmírez teve de acudir a uma sequência de movimentos revoltosos no interior da Galícia comandados por nobres galegos dissidentes que ameaçavam o poder senhorial exercido pelo bispo.

18 Em diversos momentos, a *Historia Compostelana*, atribui a Diego Gelmírez a responsabilidade por conciliar a rainha Urraca e o seu filho Alfonso Raimúndez.

19 Diego Gelmírez administrou o senhorio (*honor*) da Igreja de Santiago, pela primeira vez, entre os anos de 1093 e 1094, já sua segunda administração foi do ano 1096 até o ano 1100.

supervisão dos territórios, acrescentavam-se suas obrigações na administração da justiça e na defesa do patrimônio.

Em tempos de instabilidade econômica, como foram as etapas finais do reinado de Afonso VI e todo o reinado de Urraca, somada pela instabilidade política oriunda da crise sucessória, Gelmírez foi testado em sua capacidade de transitar e dialogar com estruturas internas (nobreza e monarquia) e externas (abadia de Cluny e papado). A manutenção do equilíbrio entre as forças se mostrou fundamental para ele alcançar êxito na carreira eclesiástica e para se manter vivo.

Rebelião em Compostela: um ataque ao poder senhorial-episcopal de Diego Gelmírez

Os acontecimentos que abalaram o poder senhorial-episcopal de Diego Gelmírez e também, em certo grau, o poder monárquico de Urraca, entre os anos 1116 e 1117, evidenciam uma conjuntura que começou a se delinear anos antes. No que se refere à situação militar do reino castelhano-leonês, havia, de um lado, a pressão exercida nas fronteiras ao leste de Castela por Afonso, de Aragão, cujo interesse era fazer valer seu título de *Hispanie imperator* e, de outro, ao sul dos territórios, a presença almorávida era motivo de constante apreensão e alerta para a guerra. Internamente, a rainha sofria com constantes ameaças a sua soberania. As relações estremecidas e tensas entre ela e Gelmírez exprimem a sua insatisfação ao apoio concedido pelo bispo a causa de Afonso Raimúndez.

As várias frentes com as quais Urraca teve de trabalhar preenchendo com soldados e armamentos fizeram com que ela não tivesse outra saída a não ser arrochar e coagir as igrejas do reino a lhe entregarem recursos para fomentar as constantes campanhas militares. Exemplo disso foram os deslocamentos régios que se seguiram ao desfecho negativo à batalha de Viadangos. A rainha viajou boa parte do ano 1112, por Astúrias e Galícia, para mobilizar homens e dinheiro de modo a garantir o sucesso da empresa contra Afonso, de Aragão, em Astorga.

A aparente união de Diego Gelmírez e Urraca na luta contra um inimigo comum: Afonso, de Aragão, trouxe no ano seguinte o desconforto e o sentimento de traição experimentado tanto pelo bispo quanto pela rainha. Da parte da monarca, a demora dos exércitos galegos em atender ao seu pedido de apoio na recuperação da cidade de Burgos, em 1113, soou como pouca importância dada pela nobreza galega a sua causa; do lado do prelado, a presença de inimigos belicosos e afrontadores do seu *dominium* exercido na Galícia compoando a corte régia foi motivo de extrema desconfiança. Os

desentendimentos foram, virtualmente, resolvidos com a prestação de juramento entre ambos.

As coalizões originárias na Galícia – *irmandade* e a facção dos Traba – contribuíram para fazer dos anos posteriores ao falecimento do rei Afonso VI um período de acirramento da crise vivenciada pelo reino de Castela e Leão. Por retirarem a unidade e apresentarem perspectivas diferentes à sucessão régia inviabilizaram, em grande medida, a coesão. Apoiar os direitos sucessórios de Afonso Raimúndez era, automaticamente, ser contra Urraca. O contrário também era válido. Diego Gelmírez, apesar das suas tentativas de conciliar o direito de governar a ambos, demonstrava-se propenso a causa do filho da rainha quando não restava mais margem a negociação.

A inclinação de Diego Gelmírez a Afonso Raimúndez teve um alto custo. O complexo de terras e direitos que administrava na condição de bispo de Santiago foi, em 1114, mais uma vez alvo de interesse da rainha. Como outrora, Urraca pretendia aprisionar o bispo e pedir seu senhorio como resgate pela sua libertação.²⁰ Com a descoberta do complô, a monarca viu-se obrigada a juramentar, outra vez, sua amizade a Gelmírez, assim como salientar sua preocupação pela integridade do senhorio de Santiago de Compostela, como indica a *HC* (1994, p. 243).²¹ As dificuldades financeiras que assolavam o reinado de Urraca fizeram-na, em tempos de guerras, como o eram esses (seja contra os almorávidas, seja contra Afonso, o batalhador), pretender se apossar dos recursos da Igreja de Santiago visando o fomento das batalhas. Para restaurar e firmar a amizade, Urraca e Gelmírez acordaram que “[...] vinte dos mais poderosos de Galicia, León, de Campos e de Castilla [...]” seriam testemunhas do juramento (*HC*, 1994, p. 254).²² No entanto, a rainha, não cumprindo com o acordo, ofereceu ao conde Pedro Fróilaz e a dom Diego a motivação para agirem.

Impulsionado por um desejo de reaver o atentado cometido contra a sua autoridade por Urraca, Diego Gelmírez, junto ao conde de Traba, concebeu o plano de fazer do infante Afonso, rei da Galícia. É a primeira vez, na *HC*, que é utilizado o termo *regnum Gallaeciae* “[...] em uma surpreendente revelação dos objetivos, dos projetos de dom Diego” (FLETCHER, 1993, p. 172). Afonso Raimúndez, em 1111, foi ungido rei pelas mãos de Gelmírez na igreja do apóstolo Tiago. A sua coroação, naquele momento, apontava as pretensões do bispo em vincular-se cada vez mais à

20 A primeira tentativa foi em 1111, ano no qual Diego Gelmírez ungiu Alfonso Raimúndez como rei na igreja de Santiago de Compostela.

21 Yo, la reina doña Urraca, juro a vos, obispo don Diego, por Dios Padre omnipotente y por todos sus santos, que desde este día en adelante seré vuestra fiel amiga en relación a vuestra persona y a vuestro señorío, el que tenéis o el que tengáis en el futuro, sin mala fe y sin engaño según mis posibilidades, y que no perderéis vuestro señorío por mí o por mi consejo o maquinaciones [...] (*HC*, 1994, p. 243-244).

22 Además, para que el pacto fuera considerado más firme y más indisoluble, acordó la reina con el mencionado obispo [Gelmírez] que veinte de los poderosos de Galicia, León, de Campos y de Castilla [...] (*HC*, 1994, p. 254).

instituição monárquica para alargar e consolidar sua eminente posição de senhor do maior senhorio episcopal da Península Ibérica (ALVARO, 2013, p. 129). Quando Afonso regressou desde a Extremadura, no ano de 1116, foi recebido como rei em Compostela.

Sabendo da posição tomada por Diego Gelmírez e pelo conde Pedro Fróilaz, Urraca, rapidamente, deslocou-se a Galícia e iniciou uma negociação com o bispo pela não privação dos seus direitos. Gelmírez assumiu uma atitude inflexível, no entanto, ele não esperava a mudança repentina de posicionamento dos seus: alguns cidadãos compostelanos, às escondidas, se encontravam com a rainha e tomavam o seu partido. Enquanto Afonso Raimúndez e a condessa Mayor, esposa do conde de Traba, saíam com a cavalaria de Compostela na eminência do ataque, Urraca, sob aviso, entrava na cidade com seus soldados.

A ruptura das forças de Diego Gelmírez impossibilitou uma frente defensiva capaz de conter o avanço da cavalaria real, a qual penetrou com facilidade a cidade apostólica. Dom Diego teve de se refugiar nas fortificações e, posteriormente, se encontrar com os nobres enviados pela rainha para tratar da conciliação. Apesar do desejo de alguns em destituí-lo (do seu poder de bispo e senhor), firmou-se a paz, mas não sem prejuízos à autoridade de Gelmírez. Seu sobrinho Pedro, cônego e prior da igreja de Santiago e seu irmão Gundesindo, *villicus*²³ da cidade, foram expulsos de Compostela. A expulsão dos principais agentes representantes do poder senhorial-episcopal, responsáveis pelos dois pilares básicos da cidade, igreja e mercado, enfraqueceu a capacidade de governar do prelado que viu minguar sua *auctoritas*. Com o vácuo de poder, o seu exercício ficou a cargo dos chefes da irmandade, os quais apoiados por Urraca assumiram o total controle da urbe renunciando a legislação anterior e destituindo o seu Conselho. No lugar, instituíram um novo Conselho para realizar as deliberações e criar novas leis.

Nos seis meses seguintes, com a situação permanecendo extremamente desfavorável a Diego Gelmírez, ele não teve outra escolha senão ir ao encontro de Urraca que estava em Terra de Campos. Ao contrário do que imaginavam os sublevadores, o bispo foi recebido, honorificamente, pela rainha que ficou a par dos acontecimentos recentes por seu intermédio. Diante do relatado, ela exortou os cidadãos de Compostela que “[...] venerassem e amassem o seu bispo e que não lhe tirassem seus direitos ou o seu poder sobre a cidade” (HC, 1994, p. 268).²⁴ Essas palavras atribuídas à monarca são significativas, pois não só reforçam o direito de senhorio do bispo sobre a urbe compostelana, como também esclarecem, diante dos inflamados interesses laicos, que a *civitas* era e permaneceria sendo episcopal. Outro fator importante dessa viagem,

²³ O *villicus* era responsável pela administração da justiça.

²⁴ [...] Envió también la reina legados suyos a los compostelanos tanto al clero como al pueblo, y les ordenó que venerasen a su bispo y le amaran y no le quitaran sus derechos o el poder sobre la ciudad (HC, 1994, p. 268).

além do compromisso de paz celebrado e do reconhecimento do poder senhorial exercido pelo prelado em Compostela, foi o precioso presente que recebeu Gelmírez de Urraca como símbolo da reconciliação: a cabeça de São Tiago, Maior.

A viagem à Terra de Campos foi um duplo sucesso. Se, por um lado, Diego Gelmírez conseguiu chegar a um acordo de paz com Urraca, por outro, recebeu uma relíquia de inestimável valor que nos faz recordar dos episódios remotos, ocorridos em 1102, em terras portuguesas.²⁵ O retorno, com ares de triunfo, tanto em uma quanto em outra viagem põe em evidência o exercício do seu poder senhorial-episcopal. Seja para fiscalizar as terras, em Braga, as quais pertenciam ao senhorio de Santiago ou para recuperar sua autoridade, junto à rainha, sobre a cidade de Compostela, o regresso de Gelmírez foi marcado com traslado de imponentes relíquias. Diego Gelmírez foi recebido pelo clero e pelo povo de Santiago nas imediações da cidade de Compostela, os quais o acompanharam, em solene procissão, até a catedral para a celebração da missa e o depósito da importante relíquia no altar do apóstolo patrono.

Todavia, o apaziguamento dos ânimos foi apenas momentâneo, como revela a própria HC, os integrantes da *irmandade*²⁶ “[...] desejavam não outra coisa senão acabar com o bispo” (HC, 1994, p. 269),²⁷ sobretudo depois de saberem da reaproximação entre dom Diego e Urraca. A progressiva radicalização da revolta direcionada ao chefe do senhorio denota o seu caráter anti-episcopal. O que se discutia, precisamente, era a “[...] condição de Gelmírez enquanto chefe do senhorio” (PORTELA, 2016, p. 332). Como a questão sucessória estava imbricada ao movimento sublevador, Gelmírez foi, novamente, ao encontro da rainha para propor uma saída a esse problema. Na cúria celebrada, em outubro de 1116, na cidade de Sahagún, que naquele momento também era agitada por cidadãos revoltosos, foi deliberado, entre outros assuntos, a entrega a Afonso não do esperado reino da Galícia, mas de uma zona na Extremadura (*Extremitas, Extrema*),²⁸ local de conflito com os almorávidas, na região de Toledo. Foi um “golpe magistral a favor de Urraca”, pois apesar de Afonso Raimúndez ter conseguido um território para governar de forma independente, “[...] pela primeira vez foi arrancado das mãos dos seus partidários galegos. [...] Diego Gelmírez e os Traba perderam a luta pela custódia do jovem rei” (FLETCHER, 1993, p. 177).

25 No ano de 1102, Diego Gelmírez, na condição de bispo de Santiago, empreendeu viagem à Braga para cuidar e supervisionar os territórios pertencentes ao seu senhorio que estavam localizados no condado portugalense. Nessa viagem, Gelmírez cometeu um *pium latrocinium* (roubo do sagrado). Várias foram as relíquias retiradas das terras bracarense, entre elas, as de São Cucufate e São Silvestre, as de Santa Susana e as do santo patrono e protetor, São Frutuoso.

26 Facção formada em território galego que defendia os direitos sucessórios da rainha Urraca I sobre os reinos de Castela e Leão.

27 [...] No obstante, los referidos cómplices no deseaban otra cosa que acabar con el obispo (HC, 1994, p. 269).

28 A *Extremadura* possuía, no século XII, um sentido mais amplo do que o atual e correspondia aos territórios cristãos fronteiriços.

De qualquer maneira, não havia tempo para ressentimentos, pois de outubro de 1116 até maio de 1117, a insurreição dos cidadãos compostelanos continuou desafiando as ordens monárquicas e o domínio exercido pelo bispo de Santiago. Com a chegada da rainha, em finais da primavera, os dias seguintes foram, extremamente, tensos. Gelmírez e Urraca foram acudados dentro do que restou do palácio episcopal e se viram obrigados em ir para a torre das campanhas devido à aproximação violenta dos revoltosos. Insatisfeitos com a resistência feita pelos protetores do bispo e da rainha, os sitiadores incendiaram a torre causando momentos de absoluta incerteza. Incitada, pelos soldados, a sair para não perecer no fogo, Urraca encorajou-se e encarou a turba que rasgou suas vestimentas, deixando-a nua, além de feri-la com uma pedra: completo ultraje a realeza. Gelmírez, também conseguiu escapar da morte graças à ajuda do abade de *San Martín* que lhe forneceu um disfarce. No entanto, Gundesindo Gelmírez, irmão do bispo; Rodrigo Oduáriz, mordomo de dom Diego; Ramiro, cozinheiro do palácio e Diego el Bizco, vigário da cidade, foram mortos quando tentavam escapar do incêndio.

98

A destruição do palácio episcopal e os assassinatos de pessoas muito próximas a Diego Gelmírez que gozavam da sua confiança e patrocínio nos dão pistas para entender a revolta, em grande medida, como uma afronta ao domínio exercido pelo bispo e o descontentamento dos revoltosos por não participarem dos postos de governança da cidade. As buscas implacáveis, nas casas da cidade, evidenciam os ânimos inflamados dos sublevadores na eminência de capturá-lo e de lhe tirar a vida. Estamos diante da dinâmica senhorial: sendo a cidade de Compostela episcopal, a representação de autoridade mais próxima dos cidadãos era o bispo, ele incorporava um modelo de organização que desejavam alterar. O revogar das leis anteriores e as reuniões do novo conselho encabeçado pelos líderes da *irmandade* com intuito de fazerem novas determinações jurídicas, atestam isso, além da própria designação de integrantes da coalizão situacionista para cargos de comando da cidade e da igreja: como o foi o caso de Arias Muñiz, clérigo que assumiu o posto de arqui-diácono.

Os cidadãos compostelanos temerosos com a desonra feita a Urraca queriam chegar a um acordo de reconciliação com rainha, no entanto, em hipótese alguma, Diego Gelmírez, deveria ser incluído na concórdia. As palavras facultadas aos revoltosos são claras:

No demais, a paz e a concórdia entre nós resolvemos facilmente, porém excetuamos uma só coisa, a saber, que não queremos ter Diego como bispo e em todo lhe somos contrários, porque até agora nos tem oprimido e tem reduzido a nada a dignidade de nossa igreja e de nossa cidade. Por isso todos

nós lhe odiamos e não queremos que ele nos governe (HC, 1994, p. 281).²⁹

A vontade dos revoltosos era permanecer no exercício da administração da cidade e conseguir o senhorio da igreja de Santiago, privando dom Diego de quaisquer possibilidades de retorno a cadeira episcopal e ao posto de governante de Compostela. Queriam que a *Urbs Sancti Iacobi* fosse subtraída da esfera eclesiástica e se tornasse realenga. Diante dessa situação, Urraca estabeleceu, virtualmente, um acordo com os sublevadores para conseguir escapar e ir ao encontro de Pedro Froilaz que estava fora da cidade junto ao seu filho, Afonso Raimúndez. Já, Diego Gelmírez, depois de se refugiar na igreja de *San Pelayo*, disfarçou-se de homem maltrapilho para fugir de Compostela. Rainha e bispo ao saírem deflagraram, respectivamente, suas sentenças aos cidadãos: guerra e excomunhão.

O cerco à cidade não tardou em acontecer. Ao menos cinco exércitos convergiram bloqueando as saídas de Compostela. Muitos cidadãos não simpatizantes das ações promovidas pela *irmandade* ou, por medo do confronto, deixaram a urbe. Diego Gelmírez, vindo de Iria pôs sítio pelo lado sudoeste da cidade “[...] com um grande exército de cavaleiros e com um infinito número de soldados a pé” (HC, 1994, p. 286).³⁰ O *báculo* já havia disparado o golpe espiritual, o anátema, era a vez de a *ballesta* ser utilizada pelo bispo para libertar Compostela dos sitiadores e restabelecer a ordem e a autoridade perdida. Apesar do desejo de sangue e vingança atribuído, sobretudo a rainha, o sentimento de piedade e misericórdia outorgado ao prelado, pela pena de Giraldo, provavelmente, amenizou as consequências destrutivas do ataque. Afinal, era ele “[...] que teria que conviver com as consequências” (FLETCHER, 1993, p. 228); a prudência recomendava moderação. Os termos da concórdia não demoraram a se delinear.

Os responsabilizados pela rebelião foram proscritos e desterrados. De acordo com a HC (1994, p. 289), entre “[...] cônegos e cidadãos havia uns cem”.³¹ As cartas que firmavam o pacto entre os integrantes da *irmandade* foram entregues, assim como todas as armas e os bens usurpados do bispo e da rainha. Foram pagos como indenização mil e cem marcos de prata, além disso, foram dados como reféns cinquenta jovens das mais importantes famílias compostelanas; posteriormente, foi realizada a devolução da catedral e dos lugares fortificados da cidade. Após retomarem o controle, na igreja

29 En lo demás la paz e la concordia entre nosotros se hará fácilmente, pero exceptuamos una sola cosa, a saber, que no queremos tener a Diego como obispo y en todo le somos contrarios, porque hasta ahora nos ha oprimido y ha reducido a la nada la dignidad de nuestra iglesia y de nuestra ciudad. Por ello todos le odiamos y no queremos que él nos gobierne (HC, 1994, p. 281).

30 [...] Por la parte de Iria puso sitio el obispo con un gran ejército de caballeros y con un infinito número de soldados de a pie [...] (HC, 1994, p. 286).

31 [...] Y así fueron proscritos y desterrados de entre los canónigos y de los ciudadanos unos cien (HC, 1994, p. 289).

de santa Susana, Gelmírez e Urraca exigiram dos cidadãos perdoados a prestação do juramento de fidelidade, submissão e obediência, assim como, a firma de compromisso em não acolherem aos exilados sem a devida autorização.³²

A atuação de Diego Gelmírez frente à revolta da burguesia compostelana evidencia a dupla face que compunha o exercício do seu poder: defensor da fé e do seu senhorio. Na condição de bispo, lançou a excomunhão aos compostelanos, “[...] o qual os feriu profundamente e os debilitou por completo”, como destaca a *HC* (1994, p. 286).³³ Enquanto governante do complexo de terras que integrava o senhorio de Santiago, Gelmírez teve de mobilizar forças junto a Urraca e fazer uso das armas para suprimir os revoltosos reavendo sua autoridade e para isso a itinerância foi peça chave, pois por meio dela pôde constituir e fortalecer relações, tanto, internamente, com a aristocracia e a realeza, quanto, externamente, com as lideranças da Igreja estabelecendo uma complexa rede de apoio e poder em que se movia com perspicácia e diligência.

REFERÊNCIAS

100

- Historia Compostelana.** Introdução, tradução, notas e índices de FALQUE REY, Emma, Madrid: Akal, 1994.
- ALVARO, Bruno Gonçalves. **As veredas da negociação:** uma análise comparativa das relações entre os senhorios de Santiago de Compostela e Sigüenza com a monarquia castelhano-leonesa na primeira metade do século XII / Bruno Gonçalves Alvaro. – 2013. vii, 280 p. (Tese de doutorado).
- ALVARO, Bruno Gonçalves. Os caminhos da consolidação senhorial-episcopal Compostelana no século XII. **Mosaico**, v. 6, n. 2, p. 169-179, 2013.
- FLETCHER, R. A. **A vida e o tempo de Diego Xelmírez.** Vigo: Galaxia, 1993.
- GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel. El hombre medieval como “homo viator”: peregrinos y viajeros. In: IGLESIA DUARTE, J. I (Coord.). **IV Semana de Estudios Medievales**, Nájera, 1994, p. 11-30.
- GARCIA FITZ, Francisco. La Reconquista: un estado de la cuestión. **Clio & Crimen**, n. 6, p. 142-215, 2009.
- GARCIA FITZ, Francisco. **Relaciones Políticas y Guerra.** La experiencia castellano-leonesa frente al Islam. Siglos XI-XIII. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2002.

³² Os pontos aqui elencados sobre o desfecho da revolta podem ser verificados no capítulo CXVII da *HC*.

³³ Entretanto el obispo, después de anunciarle a la reina en Iria su huida, hirió a todos los habitantes de Compostela con la espada del anatema y los excluyó de la entrada en la Santa Iglesia, lo cual hirió a los compostelanos profundamente y los debilitó por completo [...] (*HC*, 1994, p. 286).

- LOPEZ ALSINA, Fernando et al. (Coord.). **O século de Xemírez**. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2013.
- MARÍA LACARRA, José. Espiritualidad del culto y de la peregrinacion a Santiago antes de la primera cruzada. In: **Pellegrinaggi e culto dei santi in Europa fino alla I^a Crociata**. 1963, p. 113-144.
- SILVA, Ermelindo Portela. **Diego Gelmírez (1065-1140)**: El báculo y la ballesta. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, 2016.
- SILVA, Ermelindo Portela. Diego Gelmírez. Los anos de preparación (1065-1100). **Studia Historica**: Historia Medieval, n. 25, p. 121-141, 2007.
- SILVA, Ermelindo Portela. La piedad ímpia: sobre el uso político del culto a las reliquias. In: Silva, Carlos Guardado da. O Imaginário Medieval. **Colibri**, 2014, p. 101-7.